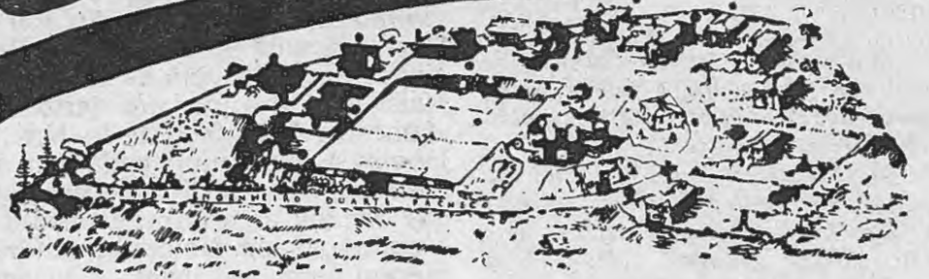




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 154
PREÇO 1\$00

HOJE O PADRE

necessita de viver o Evangelho todo

na vida toda

«O conhecimento do estado da alma e das necessidades da hora actual obrigam-nos a reformar atitudes, a adaptar métodos, a tomar iniciativas, consoante as circunstâncias particulares. Mas o que sobretudo exige, aquilo que será a alma animadora, directriz, eficiente de toda a acção sacerdotal, apontou-o o P.^o Lombardi na conferência já citada. O que a hora actual exige de nós, depois de bem a conhecermos e sentirmos, é uma vida heroica de dedicação e amizade pessoal a Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Padre «amanuense de Cristo» de certa literatura, o padre aburguesado sem a paixão do amor—esse não terá aqui lugar. Está cheia de preconceitos a alma de muita gente, e anda aí a propaganda marxista a acusar a Igreja de capa de todas as opressões. Só a lição da cruz de Cristo, a lição do supremo amor! tem a virtude de convencer a dureza (ou o desespero, ou o ressentimento) dos corações contemporâneos.

Em tempos de fé tranquila, dêmos que bastaria ao padre contentar-se com ser honesto e digno no exercício da sua missão. Hoje, porém, ele necessita de viver o Evangelho todo na sua vida toda. A vida sacerdotal deve ser uma manifestação mística de Cristo: vida que todos vejam, e seja escândalo para os judeus e loucura para os pagãos, como dizia S. Paulo: essa crucificante revelação da divina caridade.

Por este preço Cristo atraiu a Si o mundo. E atrai-lo-á hoje ainda se encontrar sacerdotes, muitos sacerdotes, que assim O revelem.

Não deixou Ele jamais de ser o Salvador. Mas quer sê-lo, nesta hora, por nós e connosco, os padres de hoje.»

Sacerdotes. Muitos sacerdotes que revelem Jesus.

O que aí se transcreve, é uma porção de um discurso do Senhor Cardeal Patriarca, feito ao clero de Lisboa. O texto é muito extenso. A epígrafe é o Padre e a hora actual.

Lembrou-me, e cuido que faço bem à Igreja, dando à estampa aquele bocadinho. Um grande número dos que lêem O Gaiato,

são homens inteligentes e de boa vontade, sim, mas não sabem o que é a alma da Igreja. Conhecem-na através dos erros e das fraquezas dos seus sacerdotes. Ela anda-lhes desfigurada. Por isso, mui admirados hão-de ficar ao lerem esta doutrina de um Bispo da Igreja. E mais admirados ficariam, se lessem todo o discurso. E mais ainda, se lessem outros. E começariam a duvidar, se todos.

O Senhor Cardeal Patriarca, é o Bispo de Lisboa. Muitos senhores julgam e informam outros, que ele é o chefe da igreja em Portugal e que manda em todos os bispos. Não manda nada. Cada bispo governa o seu território. Nem Portugal constituiu jamais uma igreja. A Igreja Católica não tem nacionalidade. É universal.

O Senhor Cardeal, falou ao seu clero; ao clero da sua diocese. Os seus padres estão afeitos a escutá-lo. Fazem-no com agrado e proveito. Mastigam. E' o Pai a falar. Ele começou o governo da diocese pelos seminários. Construiu de raiz. Instalou. E só depois é que subiu às culminâncias. Sem seminários, não poderia haver na diocese de Lisboa escol; nem tampouco lugar adequado aos que propõem em seu coração escolher a melhor parte, como muitos homens têm feito, e estão fazendo; seminários que são edifícios cheios de sobriedade, de linhas, de beleza—degrau natural e necessário às culminâncias do espírito. Muitos disseram ao tempo e ainda hoje dizem: para que tanto desperdiçar? Não compreendem. É roubar da alma dos futuros sacerdotes a Beleza. Sem esta, não pode haver escol. Sem escol, não há apaixonados. Sem apaixonados, não há sacerdotes de dedicação e amizade pessoal a Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora eis.

OUTRA VEZ NO BARREDO

Nós temos necessidade e toda a minha pena, é não poder dedicar-me inteiramente e exclusivamente à vida dos Barredos.

Que os meus sucessores jamais descurem os Pobres; eles são a causa da nossa riqueza. Da riqueza da Obra da Rua. Não me canso de o afirmar. São eles quem nos dão tudo. Exemplo: Manda-se alguém daqui a casa de uma família pobre, levar dinheiro e vestuário. De volta o portador dá contas e exclama: Que palavras! Que alegria! Que riqueza! Deram mais do que receberam. Ora aqui

está. Aqui é que é. A nossa obra não seria, se os pobres não fôssem.

Mas vamos ao Barredo. Desta vez, estive mesmo no coração do bairro; na própria rua que tem o nome e o deus a toda a escharpa da Sé: Barredo. Entrei. Era um homem novo, que fôra ontem barqueiro e hoje espera a sua hora... Conversamos. Ao responder-me, ele pede que vá eu a um seu vizinho, que também era barqueiro e precisa tanto como eu. Uma lição. Uma lição formidável, pela doutrina que contem e pelo homem que a dá. A ambição, a inveja, a ganância,—nada disto aqui tem lugar. O Lixo do Barredo! Que hora de confusão não há-de ser a do Juízo Universal!

O outro barqueiro, também é um homem que está à espera... Ali ao pé, já fôra da porta, vejo uma mulher dirigir-se a mim, perdida de riso.

—De que se ri?

—E' de o ver a si.

Nós somos conhecidos. Também esta espera a vez, mas como não tem casa, de dia abriga-se nos portais e à noite, encosta-se junto de uma outra, tão pobre como ela. Os pobres! A vida dos pobres!

Aquele riso era benção. Benção para a nossa obra. Deus livra-me de muitos males, por causa do vir dos pobres, quando eu passo por eles. Livra. Sei que me livra. Sinto que me livra. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Começo a subir os degraus do Barredo, que vão dar à Sé. De um grupo de homens, sai uma voz a dizer que não: Olhe que são muitas escadas. Ouvi, agradei e continuei a subir. São, na verdade, muitas escadas; eu contei 203 delas! Granito puido dos séculos. Debruçam-se casas de lado a lado, com rampas estendidas nas sacadas. As crianças enxameiam. Eu pensava no barqueiro e no outro barqueiro e na mulher que se ri para mim quando me topa. Pensei no Joaquim que até há pouco ali visitava e agora já não... E na multidão de homens que esperam a sua hora debaixo dos telhados sujos do Barredo... Pensei e disse para com os meus bolões, que é muito necessário dar eficiência aos Sanatórios, sim, mas, estudadas as causas, mais necessário se torna combater o mal na origem. Sem isso, é construir na areia.

Todos assim compreendem.

Estava agora no topo. Tinha

Continua na 3.ª pág.



Um frizo de Beleza da Casa do Gaiato de Lisboa. Cada um tem a sua história e nenhum família! Hoje são nossos. Eles são a paixão, o entusiasmo, a palavra nova que anda de boca em boca.

Dois minutos de silêncio!

«O Comercio» dava uma notícia de três linhas, no fundo de uma coluna interior, tipo miudinho. O jornalista, em vez de ponto final, acaba com um de admiração; assim! Ponto de admiração.

Uma viuva dera à luz ao pé do Castelo de Leça, naquela noite de frio, e ali ficou sósinha, até que de manhã foi encontrada e conduzida ao hospital. Eis a notícia.

Eu peço dois minutos de silêncio. O século das velocidades também tem e sofre os seus atrasos—e que atrasos!»

tima suas outros oport- da ven- sósio- hoje ssim. s que em o e nós os de odem go de astor, aram agem como s que inho; e um a do e de nten- inhos a que lóme- ais os etrés foi a lóme- dela e s rig- antar. uido e estes m dia oi um

ido...

o tempo sitantes, por 2-1. cada do defesas o nosso a. Este ento os que os isso a

de surgeédio de o, que rematou para 2-2 ossos ao p-se, ora isitantes oportu- gura do o muito

tr vitória. a báliza rrio, e o anco. O visitan- bilita três Jacinto n' defesa antem-se terminar. ora, lan- lversário, o desafio 2-2. o merece sa Sérgio o, quanto

o-me ao festacado jogaram

ro tempo o fraque-

ias fomos sário ao totem que

PINTO

Do que nós necessitamos

Mais os envelopes misteriosos e repetidos e anónimos e da mesma pessoa, porque da mesma letra. Mais de Alcaide cem escudos. Eu transcrevo a carta:

Já apareceu o torno mecânico? Se não aparecer ponha a andar outra procissão. Para os preparativos incluo 100\$00 (cem escudos).

Já há bastante tempo que uma voz cá de dentro anda a dizer-me:—Manda qualquer coisa para os «Gaiatos», mas eu ia-me ficando. Mas agora N. Senhor bateu-me à porta com uma doenzazita, na pessoa de um filho, e então... ai vão cem dele».

Quanto à parte final da mesma, a que chamo doutrina, quero apôr as linhas finais de uma outra, que no mesmo dia recebi do Porto. Ei-las: *tenho sido muito infeliz na vida, e talvez seja essa infelicidade que me faz incrédula. Isto também é doutrina, mas a verdade não está aqui. A verdade encontra-se na carta de cima. Eu quisera que todos soubessem procurar o nosso Bom Deus nas suas adversidades. Não certamente nas que nós nos causamos, mas sim naquelas que nos acontecem. Quanto à procissão por causa do torno, o «famoso» não tem espaço para duas delas. Esperemos que um senhor ou uma senhora ponha um torno a andar para aqui. Um torno mecânico. Um torno para o rapaz que me sarna por ele. Há dias fomos ambos ao Porto. Aqui e ali, aonde quer que houvesse uma casa de maquinarias, o rapaz parava, e fazia-me parar: *Olhe, é aquilo. Aquilo era o torno. Mais roupas; são de pessoa sã. Mais roupas; eram de meu filho quando estudante do Liceu. Não é a roupa. É o zelo; é o cuidado; é a paixão de dar. Mais o pessoal menor da Segunda Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças dos C. T. T. da cidade de Lisboa com cinquenta escudos. Mais em acção de graças pelas melhores dum filho. A carta prossegue *Exigiu exteriorização dum reconhecimento intraduzível que trás ajoelhada perante Deus, a minha alma de mãe. Só as mães sentem assim. Nenhuma outra pessoa no mundo pode dizer que trás a alma ajoelhada. Que os filhos se ajoelhem também. Se não sabem amar como Elas, que se deixem invadir do seu amor. Mais roupas da Régua. Mais roupas de Vila Nova de Ourém. Mais roupas do Porto. Mais roupas da Foz. Mais roupas de Reguengo Grande. Mais botas da Casa das Botas. Mais roupas de Lisboa: roupas de malha finíssima. Se mais mundo houvera, mais roupas cá chegariam.***

E ele vem o Padre Adriano e leva para o Tojal. E ele vem o Padre Manuel e leva para Coimbra. E os rapazes do Lar do Porto vêm cá fazer o fim de semana e levam. E aonde nós sabemos de Conferências de S. Vicente de Paulo, mandamos. E os nossos rapazes da aldeia de Paço de Sousa, andam tão galantes e tão quentes que os tripeiros choram de alegria quando eles lá vão aviar recados. E se sabemos de alguém a quem falte roupa e que por vergonha a não pede, nós mandamos lá roupa, e quanto mais roupas damos mais recebemos. Mais quinhentos do Rio de Janeiro. Mais cinco mil ditos do Grémio de Exportadores do Vinho do Porto. Que ninguém me torne a dizer mal dos Grémios! Mais uma caixa com três garrafas de vinho fino. Mais um cheque de

dois contos do Porto. Mais vinte escudos. Mais cem ditos de Castanheira de Pera. Mais metade de Lourenço Marques. Mais cem do Porto. Mais duzentos de três amigos. Mais duzentos do Porto. Mais trinta de Anta de Jesus. Mais cinquenta. Mais cem de Estarreja. Mais um fato de um leitor do «famoso». Mais 500\$00 do Rio de Janeiro. Mais um peditório no Sporting Club de Moçambique que rendeu a passar de onze mil escudos. E de Nampula também vieram cinco mil deles. A criança é um algarismo universal. Quer seja ela a falar quer outros a falarem dela, não há ninguém que não entenda e responda. Um cordial apêto de mão às populações, de Moçambique e de Nampula. Terras nossas. Oxalá todos os portugueses ali tivessem acesso fácil; mas ele é preciso dar tantas voltas e preencher tantos papeis e tirar o chapuzinho a tanta gente! Mais três caixas de vinho espumoso: O Natal de 1949!

Mais cinco contos de Lisboa. Mais um dito da mesma terra; são firmas comerciais, a dizerem que sim. Pois sim. Mais meio conto do Porto. Outra vez Lisboa, do senhor dos puloveres de malha, um vale de correio com dinheirinho. Deus o ajude. O Colégio de Antero Quental da vila de Paredes, também falou e promete tornar. Nota-se um grande movimento de simpatia, no coração dos Docentes e Discentes de Colégios—Escolas. Mais uma pancadaria de cestos de vime, de Lisboa. Mais um vale do correio dos Funcionários. do 3.º Sector das Encomendas Postais de Lisboa—humildes servidores do grande público;—seis quarteirões de escudos, tirados à boca!

Mais uma quantia semelhante dos Professores e alunos de um colégio de Ilhavo; bem como uma tarifa.

Era uma caixa de roupas, brinquedos, calçado e nozes—coisas estas angariadas pelos felizes alunos. A caixa vinha fechadinha, mas apenas recebida, já se sabia na aldeia que vinham lá nozes! Foi o Preta. O Preta é que a foi buscar.

Mais uma caixa de vinho generoso, de Gaia.

Notícias da Casade Miranda

1 Já temos o nosso campo de futebol quase pronto. O Senhor Padre Manuel já comprou umas carradas de areia a um vizinho nosso. Se ela não chegar vai-se buscar a um rio próximo de nossa casa.

Há dias, quando os homens trabalhavam no campo de futebol um deles disse ao Monarca para ir buscar borras de azeite para untar as patas do boi e ele tão palerma foi buscá-lo para untar as pás, para a terra não se agarrar a elas. Como dissemos no número anterior, já temos a equipa completa.

2 Tivemos um Natal muito bom. Como de costume, à noite, comemos batatas com bacalhau, e couves muito bem temperadas. Já decorridas duas horas tivemos café com filhós e bolos, que nos mandaram da Fábrica Triunfo, de Coimbra. Na véspera vieram cinco irmãos nossos de Coimbra passar esse belo dia conosco. Foi pena não haver Missa do Galo, por não termos autorização. Também na véspera foram dois gaiatos de Coimbra buscar mais bolos e duas peças de fazenda e também batatas para comermos à noite. Este ano mandaram-nos muito poucas roupas. Se alguns senhores ainda nos quiserem mandar, mandem. Não faz mal mandar nós agradecemos tudo e sempre. Aos Senhores da Triunfo muito obrigado.

Notícias de Coimbra



1 Morreu-nos o nosso Leão. Era o cão mais bonito que tem aparecido nas casas do Gaiato. Morreu com uma doença que os médicos não sabem o que é. Vieram mais dois de Manteigas; vai um pra Miranda e o mais bonito fica aqui. Ao Senhor que os ofereceu muito obrigado.

2 A Associação Académica aqui atrasado deram na sua sede uma sessão de cinema e não deixaram de nos fazer um convite. Não fomos porque nesse mesmo dia houve futebol no Estádio, e nós gostamos mais do futebol do que todas as outras coisas; mas agradecemos tanto ou melhor como se lá fôssemos.

3 Já cá temos as nossas equipas; quando elas vieram, todos nós andamos com alegria eram todos assim, olha as nossas equipas! Elas são às riscas encarnadas e os calções são azuis. Chuteiras só vieram 4 pares, mas ficaram de vir de Paço de Sousa as restantes; bolas vieram 3 uma foi para Miranda; temos nós duas; umas é muito pequena e temos outra que a deram ao Zé Eduardo que é grande e bem boa.

4 O Pinguinho como prémio foi a Paço de Sousa com ordem do nosso Pai Américo escolher um fato; mas o Pinguinho veio sem o fato mas vinha contente, foi-se a ver o Nosso Pai Américo tinha-lhe dado (500.00) quinhentos escudos para o Pinguinho ir comprar fazenda pró fato e mandou fazer cá em Coimbra.

5 Vieram 11 metros de fazenda de um senhor de Manteigas, que bem fazia muita falta. Também vieram 2 pares de calções da Covilhã. Está a chegar o Natal, e o frio...

E só pra dizer que precisamos de roupas prós nossos rapazes, e também cobertores. Já houve aqui barulho por causa dos cobertores. Uns dizem que só têm um, outros dizem que têm dois, mas que são finos. Vamos a ver se nos entendemos. E aos Senhores benfeitores muito obrigado.

6 Desta vez a venda do «Famoso» foi fraca. Não sei se foi de estar frio se com medo da Académica perder; a venda total foi de 219 e de acréscimos, à volta de 100\$00. Vamos a ver se prá próxima será melhor.

7 No meu emprego como de costume deram algumas coisas. Um senhor, que se lembrou que se estava a aproximar o Natal, levou uma caixa de figos e uma carteira, que foi pró meu poder. Também foram pagas 2 assinaturas uma de 25.00, e essa senhora disse que era pouco, mas que o gosto dela era dar mais.

Outro que deixou 100.00 para pagamento de 4 anos. A todos esses senhores muito obrigado. O meu emprego é na rua Ferreira Borges—123.

ERNESTO PINTO

3 Temos cá sete porcos que estão muito bonitos. Os cozinheiros é que tratavam deles e deixavam-lhe muito pouca comida e por isso andavam muito magros. O Snr. Padre Manuel resolveu tirar os cozinheiros da obrigação dos porcos e pôr dois dos de cá de fóra. Agora andam muito bem tratados. Quem os trata sou eu e o Carrapato. Antes cozinhamos para os porcos na cozinha do forno, e agora cozinhamos debaixo de um barracão enquanto não se faz a cozinha nova.

4 Foram dois gaiatos vender o famoso à Lousã. Venderam 65 no total 80\$80; Foram também a Miranda e venderam muito poucos, porque é uma vila pequena, e por isso não se podem vender muitos. Na Lousã vendem-se mais porque é uma vila maior e mais rica. Antigamente vendíamos aos 300 e às vezes aos 400, mas agora já não, porque está outra casa em Coimbra e convém-lhes melhor.

O Cronista—ANTÓNIO GIL

TRABALHO

Ontem entrei no escritório do Júlio aonde estava o Avelino, ambos em grande disputa. E que sim e que não. É mas não é. A firma Araujo & Sobrinho também entrara na questão. Eles vão lá comprar fiado, vem tudo numa factura, e esta é que deu o barulho. Júlio, pretendia que certo artigo fôsse debitado à redacção de «O Gaiato.» Avelino, regeita o lançamento e exige que este e outros se façam mas é à conta da tipografia. Dois zelosos.

Mas o zelo não fica por aqui. Há dias saíram dois senhores do escritório do Júlio, aonde tinham estado a dar uma encomenda. O rapaz mostra-me a ficha dela e acrescenta: *Cacei-lhes metade.* Júlio, tinha pedido aos senhores, delicadamente, para deixarem algum dinheiro por conta em virtude das nossas fracas disponibilidades. O trabalho era para um grupo desportista.

Enquanto eu vejo quantidades e condições, Júlio vai-me dizendo baixinho: *são desportistas. Não há que fiar nestes tipos.*

Mais do que zelo, isto é arrojo. Um grande arrojo. Pois ele não é verdade que anda meio mundo a fazer vénias aos desportistas, e o Júlio faz deles este conceito!

Não acho bem. Acho liberdade de mais. Espero que o Júlio reconsidere e se arrependa, tanto mais que os tipos vieram buscar a encomenda e não ficaram a dever nada; nadinha. Mais. Este mesmo grupo desportista convidou-nos para irmos jogar à terra deles. Pagamos as despesas, dão-nos de jantar e mais e mais e mais. Espero que Júlio se arrependa.

Júlio, veio aqui há dias ao meu escritório e declarou-me que não podíamos continuar com trabalho empírico. Eu estranhei o termo e ele disse-me que o aprendera na Escola. Eu escutei. Resolveu-se que ele fôsse fazer um estágio em uma tipografia de nomeada e assim aconteceu. O rapaz veio de lá feito um doutor. Se já dantes era, agora é que é. Cada trabalho que sai para os prelos, vai acompanhado de sua respectiva ficha e sem esta ficha não sai trabalho nenhum das mãos do senhor doutor.

O nosso gerente encheu a sua pasta de papeis à laia de mostruário e foi por aí abaixo á cata de trabalho. Chegou a casa à noite como a abelha; carregadinho dele. Eu quis saber a razão de tamanho exito e ele deu-ma. *Eu engraxo.* Esta é a razão que ele deu, mas não é a verdadeira. A verdadeira razão do nosso exito e da maneira cordial como todos o recebem e do desejo estuante dos de boa vontade em nos auxiliar, tudo isto consta da seguinte carta. Não é graxa.

Proquê veja-se:

Seria imperdoável falta de n/parte se não dissera da agradável impressão que nos deixou o trabalho tipográfico que nos foi executado, pelo que bem haja pela grande obra de Regeneração Social fazendo homens que se elevam pelo trabalho, sendo por essa razão úteis à sociedade.

E mais cartas. E mais cartas. E mais cartas.

Não é nada graxa. Até das nossas Possessões Ultramarinas estamos a receber trabalho! Bendito seja Deus.

A nossa Tipografia

E de algures uma libra esterlina, dentro de uma pequenina caixa. Dai sempre assim. As coisas preciosas vêm dentro de caixas muito pequeninas. E um Pároco de Fafe; em nota diz este sacerdote que no próximo Gaiato verei se recebeu. Quer isto dizer que também é leitor que aproveita tudo. E 20\$00; é o meu 1.º ordenado. Que alguém dê muito, do muito, dê-se; mas dar tudo do pouco,—é loucura! Uma avó, de algures, também quer enfileirar. E um do Círculo de Estudos a valer por dez. Estes é que sabem! E eu que estava dentro do Morris, nas ruas do Porto, e aproxima-se um casal a dizer que sim. E uma pecadora do Porto que também quer ir; também mandou um bolo-rei. Zé Eduardo, que estava em férias do natal, cheirou e veio-me anunciar e pergunta se eu queria que ele abrisse, e que se podia estragar, e que o podiam roubar; e não me largou até abrir a caixa e uma garrafa Mackenzie...! Vai tudo na procissão! E o Porto, com uma segunda dose de 100\$00. É o Porto e sempre o Porto. E um da Golegã a valer por três. Acho que este senhor vive, sim, mas não é da Golegã... E Coimbra; Também desejo ir na procissão cristã e nacional. Desejo assim amar a Deus, por Deus, pela Pátria e pelo meu próximo; e também para que Deus me ajude a corrigir-me de tantos e tão grandes faltas que a consciência me acusa. Este fiél não ocupa mais espaço do que os mais da procissão, mas enche o seu.

E o Porto. E Miranda. E uma prestação de 20\$00. E o Porto; ficaria pesados se não entrasse na procissão. Outra vez o Porto; quero enfileirar nos 5000. E Lisboa. E um poeta de Perosinho:

"São sete a valer por um.
"Que se juntaram pra já.
"Pois um a valer por sete.
"E coisa que cá não há.

E um dos 5000 de Maçã. E meia doze de Alvaizare. E o mesmo da Covilhã. E Luanda. E esta carta:

Um grupo de costureiras que se veem desobrigar, enviando para a «nossa tipografia» 2 prestações, até perfazer os 100\$00, para assim poderem enfileirar na procissão. Muito desejariamos poder fazê-lo individualmente, mas os nossos ordenados não o permitem, apesar de trabalharmos numa das melhores casas de chapéus do Porto. Por isso mesmo foi que eu me lembrei de cotizar entre algumas companheiras, porquêsó assim teremos a alegria de sabermos que também contribuimos

Doi o coração saber que há tanta pessoa rica que fica indiferente, quando podiam sem grande sacrificio tirar essa canseira dos ombros dum só mas o egoísmo dos ricos não os deixa ver isso, e os pobres como nós affligem-se por ver que ainda falta tanto para pagar a máquina, e que a procissão cada vez vai indo mais devagar. Não há nada neste mundo que pague as lágrimas de alegria que o Gaiato nos faz verter.

Os chamados ricos, ordinariamente, não apreciam estas lágrimas, nem as choram. Fazem-nas chorar aos outros! E a 2.ª prestação da Tripeirinha da Sé. E a 4.ª prestação de uns noivos—que Deus os junte depressa! Terceira prestação dos mesmos Noivos. E a última do Porto, 40\$00. E a dose

inteira do Porto. E 20\$00. E 20\$00. E o Porto na marca. E vinte placas de dez escudos de Cinfães.

Mais Porto; digo queremos porque minha mulher acompanha-me sempre.

Oxalá que em todos os lares se ouça esta linguagem. E Montemor; eu já enfileirei os cem da prática mas hoje enviou-me mais mil escudos. São estes e estas que hão-de levar a procissão a bom termo. E Angra do Heroísmo. E o Porto com dose e meia. E uma mãe de algures. É a Miucha e seus primitos. Crianças! Se os pais não acompanham, grandes trabalhos nos esperam. E mais quatrocentos daquela casa á beira de um jardim. E do Lobito sete senhores a meia ração cada um. São do pessoal de uma firma. Deve tratar-se de uma fábrica ou coisa semelhante. Seja como fôr, trata-se de portugueses amigos de Portugal. E Cabo Verde. E um sargento. E o J. C.: E Uma rapariga modesta com 100\$00 que pela segunda vez enfileira, e leva consigo uma sobrinha, também na marca. Diz a Rapariga modesta que infelizmente a procissão vai muito devagar e espera que o novo ano faça com que ela ande mais depressa. Fala assim, porque é modesta. A sobriedade vê e compreende as alturas.

Vamos a contas:

Antes	267.600\$00
Agora	5.900\$00
	273.500\$00

Que ninguém desanime por irmos devagar. E' passo de procissão. Ela ainda não parou. Todos os quinze dias, temos visto aqui o seu movimento.

A nossa Conferência

Como os nossos leitores sabem, já há um ano e tal que funciona na Casa do Gaiato de Lisboa, a Conf.ª de S. Vicente de Paulo.

A nossa Conferência protege 7 pobres, todos muito necessitados. Semanalmente, levamos a esmola que se compõe de géneros, dinheiro aos que pagam renda de casa, além dos nossos bons modos e palavras animadoras que muito os conforta. Se assim não fosse, quem sabe o desespero a que chegariam.

Estamos agora a juntar dinheiro para melhorar-lhes a esmola do Natal. Já resolvemos na nossa reunião levar chales, cobertores e calçado.

Todas as semanas os confrades se reúnem não só para apresentarem as suas dificuldades, como para ouvirem a leitura feita por um de nós e meditarem nela.

Das reuniões saímos com maior humildade e mais dispostos a ajudar os nossos irmãos. Com a pequena colecta que conseguimos juntar e com o auxílio dos nossos subscritores, distribuimos já cerca de dois contos e temos quase um conto de reis para o Natal.

Os nossos leitores acham bela esta ideia de rapazes ontem desprezados andarem agora a auxiliar o nosso próximo, não é verdade?

Então, sempre que vierem cá, não deixem de deitar uma esmolinha na caixa da conferência... A Rainha Santa, que é a nossa padroeira, lhes há-de pagar.

O secretário:
RUI FERNANDES

Outra vez no Barredo

Continuação da 1.ª página

subido 203 degraus, mais contente do que cansado.

Naquela tarde dei loucamente. Distribui loucamente. E' preciso não deixar que as fontes da obra sequem. Nós não temos outras.

Cobertores não. Pediam-me um cobertorzinho, mas eu não dou. A'quela gente, naquele sitio,—não. Há nos Barredos uma desgraça maior do que a penúria dos seus habitantes: é o Prego! Eu sei. Eu tenho tarimba. De uma vez, distribui 90 cobertores de lã pelos moradores de um bairro de latas e no dia seguinte de manhãzinha, estavam todos nas casas de penhores! A miséria é assim. Sejamos nós pródigos e ajudemos o Pobre a livrar-se de mais este mal. Dos pobres dos Barredos, digo. Nunca se lhes deve confiar nada que tenha valor mercantil. Um cobertor velho sim. Roupa usada sim. Sejamos inteligentes.

Eram dez horas da manhã, em Janeiro. Celebrei nos Congregados e não sei que me deu no peito, que me dirigi aos Becos a dar acção de graças. Gosto daqueles sitios. Ali tenho e mantenho as melhores relações. Que outros procurem a chamada sociedade alta.

Estava uma mulher ainda nova, sentada sobre um Notícias, na soleira da porta. Levantou-se, cansada. Fala difícil. Falta-lhe o ar... Está tudo dito. São dez horas geladas e ela em jejum! Um café-sinho é do que eu mais gosto. Tinha descido manhãzinha cedo das águas furtadas daquele prédio, aonde mora por dez escudos semanais; hotel. Os hotéis do Barredo! Tinha descido. Estava ali desde aquela hora. Ainda não tinha arranjado para o café. Quis Deus que fosse eu.

Subi a rua de S. João, entrei no Mousinho com o meu estômago regalado do café que ela tomou; e andei assim todo o dia! O café-sinho de manhã também é do que eu mais gosto.

Se nós nos tratássemos por irmãos, aquela mulher do Barredo, pela doença que tem, não deveria estar à espera. Os irmãos é que deviam ir ter com ela, tirá-la do frio, dar-lhe cama e remédios e tudo quanto é dado ao irmão que tudo precisa.

Outra vez o Zé Eduardo

Chegou o correio. Além do Avelino e do Júlio, que sempre marcam presença enquanto abro as cartas, desta vez também se apresenta Zé Eduardo, em férias do Natal, na ocasião. O correio daqueles dias era magestoso. Avelino assim o disse, à entrada: 34 registos e 52 cartas ordinárias. Oitenta e seis unidades! A Obra da Rua; a que trata dos sujos! O que as cartas dizem! De onde elas veem! O que elas nos trazem! Vinha uma dos portugueses residentes no Congo. Belga, a chamar alto pela obra: nós também queremos conhecê-la.

E mais. E mais. E mais. Mas não é isto que eu quero dizer. A novidade é outra; era uma encomenda postal de Lisboa dirigida a Zé Eduardo, que dizia por fora—contém tabaco. Eu arripiei-me. Cigarros! Zé Eduardo, ao pé de mim, exultava: Cigarrinhos. Que bom.

Chegou a vez da encomenda. Avelino abre. Três pacotes 20-20-20 Zé Eduardo toma conta. Mira e remira! Abre um. Era chocolate!

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

No dia primeiro de Janeiro, à noite, depois da ceia, reunimo-nos no refeitório para escolha do novo chefe.

Votaram os rapazes da 2.ª, da 3.ª e da 4.ª classe.

O Manuel Pedreiro teve 5 votos; o Mário-1 voto; o Chochas-1 e o Pedro 17 votos. Foi este que ganhou. Ficou sendo ele o nosso chefe.

Depois dele estar escolhido, todos muito alegres deram muitas vivas e palmas em honra do chefe e do Senhor Padre Américo, cujo retrato foi destapado pelo Policia ao colo do Pedro. Está agora mais bonito o nosso refeitório. Está melhor. Tem na parede principal o retrato do nosso Pai Américo.

As eleições são bem realizadas. E' preciso um rapaz dos grandes a vigiar o serviço dos outros, ensiná-los quando fôr preciso, etc. Preciso é que estes o respeitem como chefe e assim haverá muita ordem entre nós.

O Manuel ficou todo contente por não voltar a ser eleito porque já estava cansado de nos aturar.

O Pedro é mais bravo e traz tudo agora mais apurado...



Aqui há tempos, ficamos pasmados com a notícia que vinha no Século sobre a morte do Laracha. Este rapaz veio para cá a pedido duma senhora, mas, como ele era um pouco amalucado, pouco tempo cá se segurou. Fugiu e voltou outra vez para a Ajuda donde tinha vindo. Como ele não tinha juízo, nem educação, fez lá alguma tolice e foi apanhado por um homem que lhe deu tanta pancada que o matou... Pobre Laracha! Não lhe teria acontecido isto se ele não se tivesse ido embora.



Também se foram embora o Chaves e o Madeira que vieram para cá por terem vários vícios. Como eles agora já se portavam melhor, o Senhor Padre Adriano deixou-os ir para a família. Para a vez deles, veio um rapaz que andava pelas terras a cantar e a vender versos. Ele diz que já correu dezasete cidades, e por isso puzeram-lhe o nome de Corre Mundo. Para a vez do outro veio o Peniche que já não tem pai. Foi aquele que antes de morrer escreveu uma carta ao Senhor Padre Américo a pedir para lhe tomar conta dos filhos.



Tivemos testa rija pelo Natal. Como nos deram muitas coisas, nós lembramo-nos também dos nossos pobres. A nossa Conferência, a única do concelho de Loures, distribuiu alguns cobertores, chales, calçado, bacalhau, azeite, pão e carne. Durante o ano distribuiu cerca de dois contos e quinhentos em géneros. A nossa Padroeira é a Rainha Santa, como ela era amiga dos pobres é ela que nos vai valendo.

O Secretário;

CARLOS ALBERTO LOPES



ISTO É A OBRA DA RUA

A amizade, quando bem alicerçada e sustentada por forças de mútua solidariedade, nunca sente a distância que separa as pessoas que a alimentam e dela colhem os benefícios de uma harmonia perfeita.

Por isso, os nossos companheiros, que partiram para terras africanas, têm sentido a nossa presença, dos que cá ficaram, junto deles, através de correspondência paternal; por isso, nós, temos sentido também a presença da vida deles, temos vivido as suas alegrias e tristezas, as suas felicidades e contrariedades.

Com isto, chegaram-nos mais notícias d'Africa, notícias que nos trazem a certeza plena de que a vida, em toda a parte, não se confina nos quadros de horizonte acanhado, não se apresenta com a mesma face para todos e, por fim, continua a ser clara e serena para uns, sombria e inquietante para outros, sempre assim foi e assim será.

Todavia, esta dupla face não nos deve levar ao desespero. Temos ao nosso alcance a arma da luta pacífica, sã e ordenada. É preciso lutar sempre sem desânimos; sacrificar um pouco do nosso egoísmo comodista, pois que os sacrifícios têm que fazer parte necessariamente, da felicidade dos homens. É um postulado da nossa natureza humana. Aliás, segundo Escrava, não há ideal que se torne realidade sem sacrifício.

Depois, no ambiente da luta ordenada e em consequência um plano de vida, tenhamos sempre presente esta verdade irrefragável: o sol nasce todos os dias e a nossa hora há-de chegar quando Deus • julgar mais conveniente.

O que se torna necessário é manter, sempre, um ideal real e nunca um ideal imaginário. Um ideal real que seja constantemente vivificado por um trabalho a formar-nos o carácter, por um trabalho que nos dê honra e nos inspire confiança.

Assim, cremos de boa fé, têm procedido muitos dos rapazes do nosso Lar, em terras d'Africa.

É o José Simões que fala, numa das suas últimas cartas. Pedimos licença para transcrever:

«E' com o coração cheio de saudades que escrevo esta carta, desejando que todo o pessoal da nossa obra esteja muito feliz. (...) cá tenho lido o Gaiato. O filme «Não há rapazes maus» tem feito um grande reclame à Obra da Rua aqui, em Moçambique, e os jornais só falam dela. Estamos muito bem, graças a Deus. Em breve mandarei algum dinheiro para ajuda da nossa Obra. Já estive para o mandar, mas como estamos em princípio de uma vida nova, ainda o não fiz, mas espero ser em breve se Deus quiser.

Estou estabelecido com alfaiataria minha!! (...)

Assim fala o José Simões na sua carta, na qual manda cumprimentos e abraços para todos.

Este rapaz foi o último a partir. Levou a sua mulher e, em Africa, foi primeiramente empregado de escritório. Mas era alfaiate e agora tem estabelecimento próprio e seu.

Conclui-se que este rapaz foi constante, perseverante e teve paciência em aguardar a hora dele. São virtudes que deslocam o trabalho para além da medocridade e da imperfeição.

Note-se o amoroso possessivo com que ele qualifica a Obra da Rua: «a nossa Obra»; «em breve mandarei algum dinheiro para a nossa Obra». Fala a gratidão, que nobilita todo o homem agradece.

O José Simões não foi sózinho para Africa, o que constitui outra virtude. Levou a sua mulher para que esta compartilhasse inteiramente da vida dele. Foram, assim, dois a entrar com um único e mesmo pensamento.

Alguém afirmou que um trabalhador, envolvido pelo laço do matrimónio, deve fazer dele uma força, um motivo de ardor e uma das formas do seu Ideal. O José Simões tem cumprido.

Outra carta que possuímos é do António Simões, irmão do José, de quem acima falamos. Este é serralheiro mecânico e tem, também, glorificado o nome da Obra da Rua e enobrecido o seu carácter, mercê das suas apreciáveis qualidades de trabalho contínuo e por se impor como um chefe de família exemplar.

Acaba de sofrer um profundo desgosto moral com o falecimento da sua primeira filha, mas soube entregar-se e confiar a sua dor aos desígnios divinos.

Fala assim na sua carta: «(...) Nós cá vamos indo desgostosos com a falta da nossa querida filhinha que Deus nos quis levar para o Céu. Temos tantas saudades dela, que era um amor de menina.

Aí te mando uma fotografia da minha querida filha, junta conosco. Peço-te que a estimes como se fosse da tua família».



«Era um amor de menina»

O coração verdadeiramente paternal do António Simões exprime a dor que o retalhou com a perda de sua filha.

Sensibiliza-nos o pedido que nos faz: que estimássemos a fotografia que se fora da nossa família.

Irmãos pelo berço sem rendas e sem dourados: camaradas no campo de lutas pela conquista de um Ideal impercível; companheiros na oficina, na arte e no estudo —continuamos a ser unos em toda a parte, quer na mãe-pátria quer nas colónias

E' esta o nossa amizade —força indestrutível que envolve no mesmo laço os rapazes do nosso Lar. Amizade que se radicou no berço da infância e caminha pela vida fora, sem um desfalecimento.

H. F.



Fala um dos que foram para Luanda

O CHICO CARPINTEIRO

A vida felizmente tem-nos corrido bem graças a Deus



«Sentadinho à entrada da nossa casa»

e à Virgem Maria temos da sempre saúde. Como já deve ser sabedor a minha família está aumentada. Já tenho um filhinho de oito meses que está muito bonzinho e esperto. Envio-lhe uma foto dele tirada aos sete meses de idade sentadinho

à entrada da nossa casa. Por aqui pode ver ou por outra fazer uma ideia do meu lar humilde mas florido e cheio de felicidades onde nos acompanha Deus e a fé e aonde todos os dias rezo o terço em família. É certo Padre Manuel que foi tudo ao contrário do que nos prometeram mas com fé e paciência temos tido a ajuda de Deus. A Maria Amanda tirou o curso de corte a seguir compramos uma máquina de costura e agora trabalha de costura para fora onde tem forrado algumas coroas que pelo menos chega para o nosso alimento sendo o que eu ganho para alguns extraordinários e amalharmos alguma coisinha. O César é que nunca estava satisfeito pois ele tinha a situação muito superior à minha agora para o fim então era ótima mas não houve nada que o conformasse. Soubemos que tinha ido embora pelo senhor Portugal pois que ele não se despediu de mim. Já ouvi dizer que voltavam novamente não sei se é verdade.

Um grande abraço ao Pai Américo, Padre Adriano e a toda a Rapaziada assim como



Falo eu

Aqui há tempos, veio à casa de Paço de Sousa uma comissão de fora do País, saber quais as normas e métodos adotados. Eu tive de responder e disse àqueles estrangeiros que nas nossas casas, não há sistemas nem métodos especiais. Há o Evangelho; um esforço quotidiano; um regresso humilde e persistente à

Família de Nazaré. Nós somos a Família.

Estas cartas ou trechos delas, dirigidas por rapazes nossos, que ontem partiram para a Africa, a rapazes nossos, que ficaram em casa; estas cartas, digo, dão testemunho. Nós somos a Família.

Nem faltam aqui as notícias de um que tem sido menos feliz; de cinco que foram, houve um que não correspondeu. Mas isto é humano. Isto não tira nada à Obra, antes lhe dá a natural variedade.

A Obra da Rua, por aquilo que é, bem merecia ser estudada e apreciada, como um futuro princípio de colonização externa. As relações dos que já foram com os que estão, são luz. Um dos nossos rapazes que sabe o que diz e o que quer, ofereceu-se-me há dias para ir.

Este verbo ir, segundo ele, é missão de sacrifício. Ele foi maioral durante quatro anos. Sabe quanto custa orientar rapazes. Sabe; e no entanto, quer ir. Qualquer dos padres da Rua, está, também, disposto ao heroísmo.

Os portugueses têm possessões de que não podem ser verdadeiramente donos por falta de braços e de cabeças que as trabalhem e valorisem. A Obra da Rua poderia ajudar. O mais difícil, está feito; ela está carrilada. Os seus fundamentos, são seguros; a doutrina da Família. Bem merecia a Obra da Rua ser estudada e apreciada oficialmente, sem furtar nada à sua beleza particular.

Uma curiosidade que levasse à dúvida, e que da dúvida nascesse o estudo, e que do estudo se fôsse à prática, e que uma Obra de Rapazes por Rapazes, viesse a enriquecer o Império Colonial. Veleidade? Mas nós estamos vivos e feros. Nós temos dez anos de existência. Já não somos mais uma hipótese. Mas não. É mais lindo mandar ao Estrangeiro estudar o adiantamento das obras sociais. Os milagres são lá.

Assim como o Estado, também a Igreja. Os organizadores das chamadas Semanas Sociais, ignoram a Obra da Rua. Nos seus programas, nem aparece nem é falada. É mais lindo repisar solenemente palavras que outros já disseram. O milagre do Evangelho realizado, não os interessa.